

**A construção de um mundo “desencantado”** - paisagem, memória e subjetividade na transmissão cotidiana dos ofícios, saberes e conhecimentos tradicionais na Região dos Lagos – RJ.

Barreto, Paulo Sérgio

Mestre em Sociologia pela Unicamp. Membro do Grupo de Pesquisa: “Mitopoética da Cidade: Experiência Subjetiva, Paisagem, Memória e Imaginação” sob a coordenação e orientação da Prof. Dra. Sandra Maria Patrício Vichiatti do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Social/IPUSP – SP/CNPq.

E-mail: [barretopaulosergio@gmail.com](mailto:barretopaulosergio@gmail.com)

## **RESUMO**

Esta pesquisa-ação, em andamento, propõe intervenções socioambientais e psicossociais inspirada nas reflexões de pensadores como Anthony Giddens, Boaventura de Souza Santos, Gilbert Durand, Augustin Berque, Eugène Enriquez, Jean Maisonneuve, Frederic Munné, Gilberto Safra, Ecléa Bosi e Luiz Claudio Figueiredo, entre outros. Nesta perspectiva transdisciplinar objetiva-se, a partir dos pressupostos conceituais da psicossociologia, o esclarecimento das relações sociais entre as experiências subjetivas e comunitárias de indivíduos que compartilham o mesmo território existencial e ancestral.

Busca-se fazer uma reflexão sobre paisagem, memória e subjetividade na transmissão cotidiana dos ofícios, saberes e conhecimentos tradicionais entre pescadores artesanais, carpinteiros navais, maricultores-quilombolas e trabalhadores das salinas em cidades localizadas na Região dos Lagos (RJ).

**Palavras-chaves:** imaginário, paisagem, subjetividade, comportamento, saberes tradicionais, transmissão e aprendizagem.

## TEXTO

Até a década de 50 os “cantos das praias” das cidades de Arraial do Cabo, Cabo Frio, Armação dos Búzios e São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos (RJ), caracterizavam-se por serem vilas de pescadores com identidade cultural influenciada pela arte da pesca tradicional como meio de subsistência. O isolamento geográfico<sup>1</sup> dotava-os de uma linguagem e visão de mundo próprias - bem diferente do mundo urbano, atual -, com relações sociais baseadas no parentesco, na cooperação, nos laços de confiança e na solidariedade grupal como atenuantes das diferenças e das desigualdades sociais: de um *arraial de pescadores* para um espaço mercantilizado em franco processo de urbanização e modernização descontrolada. A exaltação aprofundada daquele modelo de modernidade – a partir dos anos 50/60 - trouxe como consequências o processo de favelização, “turistificação”, escassez do pescado e desagregação das relações comunitárias tradicionais na Região dos Lagos. Principalmente após 1973, com a abertura da Ponte Rio-Niterói.

Essa é a primeira sensação e visibilidade para quem vem de fora: o lugar do pescador virou cenário para o olhar do “turista”. É comum, por sua vez, nos “cantos das praias”, que algumas comunidades de pescadores sintam-se “aquarteladas” ao tentarem manter seu trabalho de pesca no reparo das redes e nas entradas de “canoas de boçarda” (“tronco só”), “caico”, barco de boca-aberta e batera para o cerco e para o arrasto tradicional. Disputam espaços com banhistas, barracas de praia, quiosques, automóveis com os sons em alto volume e traineiras com as redes de pesca proibidas e atividades de esportes náuticos. Além das pressões econômicas e sociais provocadas pela especulação imobiliária em cumplicidade com as políticas públicas que causam depredação da natureza e paisagens da região. Soma-se a este cenário, o advento recente das áreas de prospecção de petróleo do “Pré-sal”.

A pesca é a condição de vida que instaura as relações de trabalhos; as sociabilidades; os conflitos; os ganhos tecnológicos e patrimoniais ao criar o “senso” de pertencimento a uma comunidade. Quando se instala a lógica econômica e social da modernidade, esta coloca em crise toda uma representação existencial sobre a paisagem, natureza e identidade do pescador artesanal (“*guardiões da tradição*”). E, nesta “adesão”, este começa a perder não só a terra e os espaços de pesca (seus territórios, pedaços e lugares são ocupados por empreendimentos imobiliários e turísticos), mas, também, todo um saber patrimonial, simbólico e tecnológico. Essas mudanças colocam em crises os valores, crenças, identidades, autoestimas e saberes-fazeres, na medida em que, os conhecimentos

tradicionais - transmitidos oralmente, pela observação e pela experiência - tornam-se invisíveis diante da racionalidade e da eficácia de um “mundo novo” globalizado, desterritorializado e “desencantado”. Estes *“guardiões da tradição”* relatam que o seu “pedaço do mundo” pode estar escapando entre as suas mãos devido à constituição de novas relações sociais advindas da urbanização; do turismo de massa; escassez do pescado e do consumo contemporâneo e, em particular, do desinteresse, desorganização e desqualificação do saber tradicional frente às novas referências de conhecimentos e tecnologias contemporâneas.

Criam-se, assim, dois “mundos” desencontrados: os da geração de antigos pescadores que de certo modo ainda vivem na/da natureza e estão fadados a serem descartáveis e obsoletos e/ou quando muito componentes de souvenir do consumo globalizado. E o *“mundo desencantado”* das novas gerações de pescadores e moradores inseridos nos arranjos científicos e tecnológicos da modernidade - como a recente prospecção do “Pré-sal” -, anunciando a mesma retórica gasta, estéril e angustiante do “desenvolvimento” e do “progresso” sem envolvimento sustentável e, mais ainda, sem considerar os *sentidos profundo sobre as paisagens e a natureza dos lugares*. Um território existencial de *“comunidades imaginária”* marcada pela ambivalência e pelo sentimento de deriva e de crise de identidade<sup>2</sup>. De um caminhar inexorável e em trânsito de uma sociedade pré-moderna para uma sociedade moderna ou da alta modernidade portadora de relações sociais mais individualizadas ao explicitar novas subjetividades, possivelmente, *forcluídas*.

Em termo metodológico se trabalhará com intervenções socioambientais reveladores das trajetórias, das memórias e narrativas subjetivas, individuais e coletivas, entre os “sabedores” e os seus modos distintos de elaborar, construir e transmitir o saber-fazer “tradicional”. Os procedimentos usuais da pesquisa ação e observação participante serão complementados pela utilização de instrumentos para o mapeamento das atividades cotidianas e para a modelização do imaginário grupal relativo ao lugar de vida. Tais procedimentos visam recolher dados qualitativos e quantitativos, de natureza espacial e temporal, abrangendo diferentes aspectos da vida humana (cognitivo, afetivo, imaginativo, comportamental, expressivo etc.), que serão objeto de diálogos “transdisciplinares” e “entre saberes”, tendo como foco as interveniências entre lugar, subjetividade, aprendizagem e comportamento, no contexto histórico e cultural específico daquelas comunidades.

Em particular, as intervenções socioambientais e psicossociais serão focadas na transmissão oral, no acompanhamento e no registro audiovisual entre membros de uma das “companhas de pescadores de canoas de boçarda e da pesca do vigia”, da Praia do

Pontal, e, nas futuras oficinas da carpintaria naval artesanal da Escola Naval Artesanal “Mestre Chonca”, na Praia Grande, bem como, na implantação futura das oficinas do “Ecomuseu” da Reserva Extrativista Marinha - RESEX-Mar/ICMbio, em Arraial do Cabo; no Corredor Cultural de maricultores-quilombolas entre Armação dos Búzios, Araruama, Cabo Frio e São Pedro e a constituição das Casas do Patrimônio da Paisagem Cultural do Sal, entre Cabo Frio e São Pedro da Aldeia.

O “saber tradicional” – é empírico e existencial, acumulado por diversas gerações -, através das trocas de conhecimentos, experiências e vivências sobre o mar e os ciclos dos peixes; os movimentos dos ventos, das marés e das luas. E, estes, são “carregados” de uma simbologia, imaginário e cosmovisão que demarcam relatos sobre a pesca com as suas astúcias, sabedorias, reminiscências e lembranças dos antepassados; os entes vivos reais e imaginários e, mesmo, as narrativas que guardam em “segredos” os locais de pesca nos costões, beira de praia e lagoa com os seus causos, gestos e marcas que classificam, nomeiam e definem as espécies da natureza ao servir como parâmetros para o manejo sustentável. Estes conhecimentos e saberes alertam os imprudentes e as “novas gerações” de pescadores urbanos destituídos da tradição da pesca artesanal quanto ao uso intensivo dos recursos pesqueiro.

Para os “*guardiões da tradição*” este habitar na modernidade contemporânea redonda na obsolescência, invisibilidade, descarte e desencarte cotidianos dos seus conhecimentos, habilidades, maestrias, ofícios e artes. Bem como, implica em ruptura cotidiana da capacidade de transmitir - através das experiências, observações, vivências, memórias e narrativas orais - os seus “saberes-fazer” tradicionais para novos aprendizes e para os espaços de ensino, educação, cultura e pesquisa formais. Estes saberes-fazer podem influenciar e contribuir, coabitar e coexistir enquanto “outro saber” portador de uma compreensão mais cotidiana, prosaica e comezinha sobre os ciclos da natureza. Todavia encarnado com o “*sentimento profundo*” e com o “*envolvimento sustentável*” sobre as paisagens com os seus limites, marcos, imaginários e subjetividades<sup>3</sup>.

A “*paisagem profunda*”, para os “*guardiões da tradição*” é inserida nas artes da pesca e nos ofícios de forma subjacente à sua visão de mundo - singular e coletiva – no interior de uma percepção interativa, participativa e envolvente. É através das linguagens dos “gestos”, dos “ditos”, da percepção sensorial e do “manejo com as mãos” que a natureza é controlada, manipulada, vivenciada e reproduzida cotidianamente para se contrapor à escassez do pescado; “desencantamento” do mundo e a perda dos espaços, pedaços, lugares e paisagens ancestrais. Esta relação sujeito-objeto para o “senso comum” não se dá de

forma alheia, aleatória, fragmentada, fraturada, atomizada e instrumental como nas ciências modernas. A essência do “saber tradicional” está em se reconhecer no cotidiano, imanente e intrínseco, junto a seu “objeto” de vida - a pesca tradicional e seus ofícios - na construção *ontológica* da sua subjetividade e das relações sociais nos seus territórios existencial e ancestral.

Giddens (2001) chama atenção para a perda da “*autoridade*” e da “*legitimidade*” da “*verdade formular*” das interpretações dos “*guardiões das tradições*” diante da razão instrumental dos conhecimentos científicos modernos. A especialização do “*saber moderno*” é desincorporadora porque se baseia em princípios impessoais que podem ser determinados e desenvolvidos independentes do contexto. Pois, combina ceticismo e universalismo enquanto modos modernos de investigação e de intervenções sociais, culturais e econômicas. Este saber não está ligado à “*verdade formular*” da autoridade tradicional, dos saberes dos guardiões. Porém, a uma crença na possibilidade de correção do conhecimento que depende de um ceticismo metódico, na confiança em sistemas abstratos e em processos intrínsecos das especializações que interage com a reflexividade institucional. Ao final das contas, este saber poderá estar desprovido de vinculações locais e processará a perda do *encantamento* do mundo.

Com o advento da Revolução Industrial, no século XVIII, instaura-se o POMC – Paradigma Ocidental Clássico Moderno – que é etnocêntrico, anacrônico, abstrato, mecânico, quantitativo e que se arvora mundo afora com uma pretensa neutralidade científica (BERQUE, 2009). No fundo processa a razão instrumental ao transformar a natureza em objeto da ciência distanciada do sujeito, transformando-a em mercadoria. O *sentido profundo das paisagens* existentes nas sociedades tradicionais, dos nossos antepassados, é apropriado pela sensibilidade do “pensamento (sujeito) da paisagem” que a consome a partir do individualismo moderno e, não, por uma “*mediância*” (“*médiance*”), *trajetividade* e vivência existencial com o seu entorno. Toda uma cosmovisão, imaginário, simbolismo, afetividade e sentido de pertencimento e vínculo aos lugares, aos territórios e, em particular, ao “pedaço” do *homem comum* são absorvidos pelo “grande mata-paisagem”, numa incompatibilidade entre paisagem e POMC. Este projeto busca “*descosmizar*” o entorno humano na medida em que o pressuposto da ciência moderna é o de criar a dicotomia entre homem/natureza e entre sujeito/objeto, sem os vínculos existenciais com a natureza.

A *paisagem profunda* é o oposto do POMC. Pois ela é singular, heterogênea, centrada e orientada pelo limite do horizonte do imaginário social e cultural. É “*aquela paisagem*” que a

percebemos pelos nossos sentidos; senso ético e estético e que nos torna vinculados existencialmente e subjetivamente ao cosmo, ao imaginário e aos ritmos da natureza com o seu patrimônio cultural material e imaterial legados por “comunidades imaginárias”. Há uma distância “epistemológica” entre os saberes científicos e os conhecimentos tradicionais do que seja a relação do ser humano com a natureza; entre uma interpretação da ciência moderna e a do senso comum. Para os “sabedores” a natureza - com a sua *“paisagem profunda”* -, é vista na sua plenitude, na sua integridade e de forma holística. E não com uma “experiência” a ser exclusivamente “contemplada”, “apreciada”, “vista”, “enquadrada” e “dissecada” de forma alheia, descontextualizada, por alguém que somente a “observa sem colocar a mão”.

Como escapar das armadilhas do consumo das “tradições”? Como “restituir” aos *“guardiões da tradição”* - os principais protagonistas do lugar - os seus espaços de identidade cultural e de sentido de pertencimento? Como envolver uma “comunidade imaginária” nas suas histórias, memórias, saberes, experiências, práticas sociais e culturais num momento em que os mesmos perdem o controle dos seus vínculos, destinos e maneiras de ser e de estar no mundo? Em que sentido, o projeto da modernidade, dotado de um saber racional, com a lógica inscrita da falácia do “desenvolvimento”, do “progresso” e do individualismo subjetivista focado no consumo e na mercantilização da vida social - que nega o conhecimento do senso comum ou do saber-fazer tradicional – pode contribuir para desorganizar as subjetividades e os vínculos afetivos aos territórios existenciais ancestrais? De que maneira a perda da *“paisagem profunda”* provoca o desencantamento do mundo? “Progresso” e “desenvolvimento” e “racionalização” para quem? Porque não incorporar na agenda das políticas públicas e institucionais os saberes tradicionais? Porém, não só para os novos aprendizes (filhos de pescadores), mas enquanto “saber-fazer” que se instala inclusive nos espaços de ensino, de educação, de cultura e de pesquisa formais tendo como fundamento o envolvimento sustentável e o sentimento profundo sobre as paisagens e os territórios existenciais e ancestrais.

Para Figueiredo (2011), a constituição do espaço dos saberes da psicologia passa pela compreensão e reflexão sobre os processos e os modelos de constituição das experiências subjetivas que desde o século XVI foram se articulando e sucedendo no Ocidente. Em particular na constituição do campo de interpretação das matrizes do pensamento psicológico que *a priori* acolhe as experiências e o contato com a alteridade. Ao tomar como referência as contribuições de Martin Heidegger, o autor chama atenção que a *“verdadeira experiência comporta um momento de encontro, de negação, de transformação. Ou seja, experimentar é deixar-se fazer outro no encontro com o outro. Em*

*outras palavras: só há experiência onde há diferenças e onde novas diferenças são engendradas”.*

Talvez, este seja um momento de refletir sobre a possibilidade de pensarmos na abertura de diálogos e de construções entre os saberes tradicionais e conhecimentos científico-tecnológicos. Ao tomar como pressupostos o envolvimento sustentável e os saberes tradicionais com cidadania e inclusão social, ética e estética frente à natureza e as paisagens. Aprender a apreender com outros “saberes” que podem coabitar e coexistir é sugerir alternativas sustentáveis aos nossos “*modos de sentir, pensar e habitar este mundo, na companhia de outros seres*” (Figueiredo: 2011; 20). Ou, talvez, seja essa a perspectiva que se assinala em cada “canto de praia”: os saberes tradicionais estão sendo desprovidos de eficácia, de inteligibilidade, de acolhimento e de hegemonia para serem transmitido enquanto uma alteridade sustentável à lógica contemporânea com a sua ciência moderna que, possivelmente, implicará na “feitura” dos lugares.

## NOTAS

<sup>1</sup> BERNANDES, Lysia e BERNANDES, Nilo (1955). No artigo “A pesca do litoral fluminense”. In: *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*. N<sup>o</sup>. 08, Ano 1955, pp.27-62, o casal de geógrafos fizeram levantamentos detalhados das artes de pesca com ênfase nos “pequenos centros pesqueiros” das inúmeras baías, enseadas e lagoas de barras intermitentes do litoral fluminense. Os autores assinalam referências bibliográficas significativas sobre a pesca tradicional de linha, de arrasto e de produção de canoas da Região dos Lagos. Para uma melhor compreensão ver: LERY, Jean de: *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo. ed. Paul Gaffarel/Liv. Martins, s/d. pp. 278 e LAMEGO, Alberto: *A terra Goitacá. Livro II – À luz de documentos inéditos*. L'éditio Dart/Gandio-Bruxelles, 1925, pp. 469, entre outros.

<sup>2</sup> Para HALL, Stuart (2000), as identidades culturais na globalização são posta em cena e podem ser consideradas padronizadas, híbridas e de resistências. As identidades não possuem uma essência e são historicamente inacabadas; vivem os contextos e os embates das relações sociais múltiplas, multifacetadas e fragmentadas e requerem constantemente as experiências, os saberes, as memórias, as lembranças e reminiscências, individuais e coletivas, relacionadas com o “outro”, e, com nós mesmos, numa alteridade em constante devir. Para Benedict Anderson, citado por Hall, as nossas identidades culturais são feitas a partir da adesão a uma “comunidade imaginária”. A busca da identificação e do sentido de pertencimento vão se processando ao longo da nossa existência, no reconhecimento e na aceitação das diferenças, singularidades e alteridades.

<sup>3</sup> VIANA, Virgílio (2000), a partir da fala de uma artista caiçara de Paraty-Perequê, expõe as diferenças das palavras desenvolvimento e envolvimento sustentável. Seguindo as suas pistas, retiradas do dicionário Michaelis, a palavra desenvolver significa tirar o invólucro, descobrir o que estava encoberto; envolver significa meter-se num invólucro, comprometer-se. Dessa forma poderíamos dizer que desenvolver uma pessoa ou comunidade significa retirá-la do seu invólucro, descomprometendo-a do seu contexto social, cultural e ambiental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERQUE, Augustin. *El Pensamiento Paisajero*. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 2009.
- BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos (Memória e Sociedade)*. São Paulo: T.A. Queiroz/Editora da USP, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. *Revisitando as psicologias – da epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos*. Petrópolis: Editoras Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GIDDENS, Anthony & BECK, Ulrich & LASH, Scott. *Modernidade Reflexiva – Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *Em defesa da sociologia – ensaio, interpretações e réplicas*. São Paulo: UNESP, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. São Paulo: Instituto Piaget, 2010.
- MAISONNEUVE, Jean. *Introdução à Psicossociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Editora da USP, s/d.
- MUNNÉ, Frederic. *A Psicologia Social como Ciência Teórica* (Tradução didática para a disciplina: PST3878 - A Cidade, o Imaginário e a Experiência Subjetiva no Mundo Contemporâneo - Profa. Sandra M. P. Vichiatti. (Mimeo)), 2012.
- PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- SAFRA, Gilberto. *A Po-ética na clínica contemporânea*. Ideias & Letras, São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A Face Estética do Self*. São Paulo: Editoras Ideias e Letras, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Souza Santos. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- VIANA, Virgílio e DIEGUES, Antônio Carlos. *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais*. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000.
- VICHIIETTI, Sandra Maria Patrício (org.). *Psicologia Social e Imaginário. Leituras Introdutórias*. São Paulo: Zagodoni, 2012.